



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES**

JOÃO ALBERTO SANTANA SANTOS

**DISCUTINDO LGBTFOBIA NAS AULAS DE TEATRO:
REFLEXÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA.**

Artigo apresentado ao Programa De Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Stênio José Paulino Soares.

Salvador
2022

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Santos, João Alberto Santana.

Discutindo LGBTfobia nas aulas de teatro: reflexões a partir de uma experiência pedagógica /João Alberto Santana Santos. - 2022.
37 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Stênio José Paulino Soares.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2022.

1. Artes cênicas - Estudo e ensino. 2. Teatro - Estudo e ensino. 3. Teatro na educação. 4. Educação - Aspectos sociais. 5. Homofobia nas escolas. I. Soares, Stênio José Paulino. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. III. Título.

CDD - 371.399
CDU - 371.39:792

RESUMO

O presente trabalho apresentou uma proposta de reflexão social e cultural ao Colégio estadual onde leciono, em Salvador – Bahia, através do projeto: Discutindo LGBTfobia nas aulas de teatro: reflexões a partir de uma experiência pedagógica. A discussão acerca das questões de gênero e sexualidade para questionar o preconceito escolar. A pesquisa é um estudo de caso de modo exploratório, prático, experimental e descritivo, realizada nas aulas de teatro com estudantes colaboradores de duas turmas do oitavo ano do Ensino Fundamental II. A fase de atividade de campo foi realizada de maio a dezembro de 2021, ocasião em que foi possível aplicar um questionário entre as e os estudantes colaboradores, realizar rodas de conversas, leituras e produções textuais. A mencionada prática pedagógica motivou a confecção de painéis informativos, histórias ilustradas e criações dramáticas (monólogos) e cênico performáticas, em estreito diálogo com a literatura de cordel e a música de expressão *rap*. Através deste projeto, foi possível desenvolver posturas em combate ao preconceito no contexto escolar.

Palavras-chave: ensino fundamental; pedagogia das artes cênicas; sexualidade; homofobia.

ABSTRACT

The present work presented a proposal for social and cultural reflection at college where I teach, in Salvador – Bahia, through the project: Discussing LGBTphobia in theater classes: reflections from a pedagogical experience. The discussion about gender and sexuality issues to question school prejudice. The research is a case study in an exploratory, practical, experimental, and descriptive way, carried out in theater classes with collaborating students from two classes of the eighth year of Elementary School II. The field activity phase was carried out from May to December 2021, when it was possible to apply a questionnaire between the student-collaborators, carry out rounds of conversations, readings and textual productions. The aforementioned pedagogical practice led to the creation of informative panels, illustrated stories and dramaturgical creations (monologues) and scenic-performative creations, in close dialogue with cordel literature and rap music. Through this project, it was possible to develop positions in the fight against prejudice in the school context.

Keywords: elementary education; performing arts pedagogy; sexuality; homophobia.

1 INTRODUÇÃO

*Nos chamam de gente,
Homem ou mulher, bonito ou feio,
Alto ou baixo, gordo ou magro,
Branco ou preto, hetero ou gay
Somos o que chamam de gente!
Iguais na diversidade,
Semelhantes nas diferenças.
Sinto igual a você amo igual a você!
No entanto, somos únicos indivíduos.
Somos nós mesmos apesar de parecidos!
Eu sou eu, você é você.
E a nossa história é pessoal.
Única, apesar de igual!*

(CARVALHO)¹

A escola deveria ser palco das múltiplas e diversas construções identitárias. Poderia ser o ambiente apropriado para acolher gente, independentemente de suas diferenças, seria um espaço necessário para colaborar com a educação de estudantes, através dos conteúdos cênicos sobre temas importantes como gênero, sexualidade, preconceito, homofobia,² dentre outros. Todavia, não tem ocorrido assim. Como é o caso do Colégio onde ensino atualmente, que atende à comunidade situada ao redor (Marback, Imbuí, Boca do Rio – bairros da cidade de Salvador, na Bahia, etc.). Uma escola de grande porte – Ensino Fundamental II e Ensino Médio (diurno e noturno), cujos adolescentes e jovens são, em sua maioria, oriundos de famílias em situação de pobreza e negras e que estão sujeitas ao preconceito social, racial e/ou de gênero.

Atuo nessa escola e percebo, recorrentemente, um paradoxo entre ideias e práticas. Observo que algumas pessoas costumam desprezar as identidades singulares, a partir de discursos de gênero. Por isso, entendi que seria oportuno fomentar o desenvolvimento crítico das e dos estudantes, no sentido de construir um espaço para reflexão e combate às atitudes preconceituosas, e LGBTfóbicas.

Durante meus dezenove anos de atuação na escola pública, tenho observado que há um suposto tratamento de neutralidade, cuja metodologia utilizada não

¹O Texto Gente – de Denise Luz de Carvalho não apresenta página e ano de publicação por desconhecimento.

² Segundo Colling (2018, p. 41) – “Homofobia é um conceito criado para pensar a repulsa geral às pessoas homossexuais, ou fobia aos homossexuais”.

favorece às alunas e aos alunos que subvertem à norma tida como padrão. Estes sofrem violência verbal, simbólica e física. Diante da constatação destes fatos ocorridos na referida comunidade onde trabalho, tornou-se essencial para mim, pesquisar a respeito, enquanto profissional que atua nessa complexa rede de relações.

O Programa de Mestrado Profissional em Artes (Profartes) foi o espaço oportuno que encontrei para trabalhar um tema de tamanha relevância. Nele, situei meu projeto na linha de pesquisa “Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes”, onde pude atuar nas questões complexas que presencio no contexto escolar, auxiliado por um rigor metodológico, considerando minha experiência pedagógica e reflexões que realizo como um profissional da educação nas artes cênicas.

O projeto de pesquisa intitulado “Discutindo LGBTfobia nas aulas de teatro: reflexões a partir de uma experiência pedagógica”, foi desenvolvido junto como prática pedagógica nas aulas de teatro com duas turmas do oitavo ano do Ensino Fundamental II, no turno matutino, de maio a dezembro de 2021. A pesquisa preliminar e bibliográfica aconteceu em diálogo com Boal (1980), Louro (2001), Colling (2018), Ferreira (2010), Oliveira e Farias (2020), Furlani (2007), Miskolci (2009) entre outras autoras e autores. O objetivo principal do projeto foi contribuir para a desconstrução de comportamentos LGBTfóbicos no contexto escolar, através das práticas pedagógicas em artes cênicas. A partir disso, objetivei construir comunicações/informações visuais, com a confecção de painéis sobre “identidades de gênero”, promovendo a discussão temática em torno desta produção; procurei refletir e motivar a criação de monólogos cênico-performáticos, que versassem a questão da LGBTfobia no contexto escolar; entusiasmei minhas turmas a produzir histórias ilustradas, em torno da sua experiência com as questões de gênero, sexualidade e as formas de preconceito relacionadas. Nessas atividades, pude identificar estudantes-atrizes e estudantes atores para integrar o elenco de uma performance, a partir da qual busco tecer reflexões. Como observador privilegiado desse processo pedagógico, eu acredito que essas ações contribuíram para um processo de desconstrução de comportamentos LGBTfóbicos, tornando possível que as educandas e os educandos envolvidos possam ter consciência sobre o alcance de uma relação respeitosa na sociedade.

Os objetivos do projeto supramencionados foram experimentados no ambiente escolar e são apresentados no presente artigo como um estudo de caso. A prática pedagógica fomentou leituras, produções textuais, com rodas de conversas entre as

e os participantes, onde foi possível coletar algumas informações mais precisas em um questionário aplicado. Esse processo fomentou experimentos que resultaram em uma criação cênico-performática.³ E o estudo de caso auxiliou a compreender como o diálogo entre os teóricos e a prática pedagógica são potentes para a discussão sobre gênero e sexualidade na escola.

2. PROCESSO PEDAGÓGICO DE UMA CONSTRUÇÃO CÊNICO-PERFORMÁTICA: UM ESTUDO DE CASO

Ao longo dos anos, tenho convivido com situações de preconceito e LGBTfobia nas escolas, onde tenho atuado. E o Colégio onde trabalho não é diferente. Algumas pessoas têm demonstrado preconceito simbólico ou velado e assumido um suposto tratamento de neutralidade, que fomenta o desrespeito nas relações interpessoais e dificulta processos individuais de reconhecimento de identidades de gênero e sexuais. Em 2019, por exemplo, em relação a este aspecto, tive a oportunidade de ouvir uma estudante que me procurou para falar a respeito da troca do seu nome na caderneta para o nome social feminino, demonstrando que não se sentia à vontade para ir à secretaria, sendo que terminou não realizando seu desejo, por ter sido negado o direito. Eu teria incontáveis casos a relatar em relação à esta situação-problema, todavia escolhi algumas relevantes que me fizeram refletir e decidir para desenvolver minha pesquisa sobre este tema. Convivi com a LGBTfobia sofrida e executada por alunas e alunos. Quando isso acontece, independente de quem realize, é importante o educador ou educadora estar atenta ou atento para não fomentar um comportamento preconceituoso entre essas pessoas, assim como repreender o ato tão logo ele aconteça. Constatei a gravidade do problema ao abordar sobre o assunto na coordenação escolar, que agiu como se fosse algo irrelevante do cotidiano, ao invés de tomar uma postura respaldada em procedimentos pedagógicos eficazes. Tenho observado no referido colégio que, em geral, existem críticas entre alunas(os) sobre expressividade corporal, facial e vocal, quando se apresentam o corpo lido como “delicado”, “feminino”, “masculinizado”, resultando na discriminação verbal com o cunho de insulto: “o veado”, “a bicha”, “a lésbica”, “a sapatona”, “a machona”.

3 O link é o resultado da criação cênico – performática que as(os) estudantes apresentaram aos colegas do Colégio Estadual, onde realizou-se as intervenções estético-artísticas. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=vxsiqf-mE6Q>. Ressaltando que as imagens e áudios foram todos autorizados pelos pais ou responsáveis.

A conclusão a que cheguei ao refletir sobre esta situação é que o problema estava e está na construção de conceitos equivocados, em relação às pessoas pertencentes ao segmento LGBTQIA+, o que tem feito com que se sintam enfraquecidas e sem representatividade. Como se vivessem à margem das identidades tidas como padrão/normal. Além de ter observado a visão de alguns estudantes, vi também que existe dificuldade para dialogar com outros educadores sobre o objeto de ação. Por exemplo, certo dia, em conversa abordei sobre a possibilidade de adoção do pronome neutro para contemplar uma gama maior de identidades de gênero, ao que fui repreendido veementemente por um professor da área de linguagem.

Estes casos evidenciaram a ausência de um projeto pedagógico que agregasse as diferenças de gênero interdisciplinar e transversal. Constatei então, a necessidade de realizar um projeto que me desse a oportunidade de abordar a discussão sobre gênero e sexualidade, bem como auxiliar o combate à LGBTfobia no contexto escolar. E ao desenvolvê-lo, passei por grandes dilemas, devido à falta de apoio técnico-administrativo, embora se saiba que os parâmetros curriculares nacionais preveem que estes temas sejam abordados nos currículos e materiais didáticos. Eu tive a sensação da não aceitabilidade em várias situações, inclusive quando foi sugerido que eu trabalhasse sozinho no sábado, sem apoio institucional. Segundo a direção, houve algumas falas sobre reclamações dos pais, criticando a temática e cobrando mais aulas de artes, como se eu não estivesse desenvolvendo as mesmas, de modo contextualizado. Constatei assim que não havia uma unidade de trabalho na escola. Confesso que desejei desistir ou mudar o projeto, diante do tamanho desapontamento. Contudo, resolvi manter o desafio.

Importante ressaltar que a primeira etapa do referido projeto consistiu na realização de todas as atividades desenvolvidas virtualmente. O curta-metragem – “Eu não quero voltar sozinho” (Daniel Ribeiro) e “Uma história de amor entre iguais” (Benilda Brito) foram utilizados como atividade de sensibilização: O curta-metragem retrata o preconceito, onde o protagonista, o jovem Léo vive a inocência da descoberta do amor e da homossexualidade. Ele lida com o ciúme de sua amiga Giovana e experimenta também o preconceito por ser cego. Após a exibição, houve uma conversa a partir do filme. Oportunidade em que pude aplicar um questionário às e aos estudantes. Quanto à leitura da história infantil: Uma história de amor entre iguais, que aborda sobre as personagens Flor e Rosa, as quais, nasceram na mesma cidade,

numa manhã ensolarada onde o céu brilhava intensamente. Flor, uma negra linda, feminina e esperada pelos pais, recebia presentes como bonecas e fogões. Amava brincar de casinha e cuidava dos seus brinquedos. Rosa, uma menina branca pouco feminina ganhava muitos presentes, mas guardava todos para não desagradar sua família. Sua vó muito atenta, em seu aniversário, dava bola e chuteiras. Esta ficava muito feliz. Ambas cresceram com o desejo de encontrar o amor. Um dia, em uma aula sobre identidade racial na universidade, seus olhares se cruzaram e apaixonaram-se.

De um modo geral, as estudantes e os estudantes receberam a história com tolerância e respeito. 30% dessas e desses estudantes, oriundos de famílias cristãs protestantes, descreveram que respeitam a orientação homoafetiva, porém, consideravam pecado e indicavam que os personagens desvirtuavam das orientações religiosas que tinham. Contudo quase 70% das(os) estudantes demonstraram aceitabilidade para com os que se relacionam afetivamente com pessoas do mesmo sexo. Neste contexto, o estudante J⁴ sugeriu, durante a discussão do curta-metragem, a possibilidade de formação de professores sobre cidadania de pessoas LGBTQIA+. Ele acredita que o(a) professor(a) tendo acesso à informação facilitará as relações na educação escolar, que reverbera para outros espaços além dos “portões” da instituição.

Algumas mães evangélicas demonstraram repulsa ao tema trabalhado. Inclusive segundo a direção, algumas delas foram à escola e comentaram sobre o curta-metragem assistido, afirmando que o meu projeto faria com que as meninas se tornassem lésbicas e os meninos gays. Entendi como tentativa de coação da escola, no sentido de que eu desistisse do mesmo. Ao ser comunicado sobre o fato ocorrido, pedi para convocar uma reunião entre todos os envolvidos. A qual acabou não acontecendo, ficando assim a ideia de que era apenas para desarticular.

Na segunda etapa – Apesar de não ter sido possível, um contato mais direto para a realização de exercícios técnicos teatrais, os quais necessitam do toque, de uma maior aproximação, com o retorno do ensino híbrido, tornou possível o contato do olho no olho, cujo elemento é imprescindível para o fazer cênico, em sala de aula. Deste modo, foi feita uma divisão das turmas em três grupos (organizados

4 Com o objetivo de não identificar os participantes do projeto, optei por me referir aos mesmos usando letras do alfabeto.

espontaneamente, de acordo com seus interesses e afinidades) para facilitar a aplicação de algumas atividades, bem como a análise e discussão das mesmas, foi realizada aula expositiva sobre a importância e o significado das letras na sigla LGBTQIA +. Em seguida, foram exploradas imagens em seus grupos, sobre profissionais de diversas áreas, principalmente de artistas e jogadores de futebol que fazem parte do âmbito deste segmento, as quais na aula seguinte, eles também levaram outras imagens e demonstraram interesse. Desde a discussão até a produção e apresentação com explicação sobre a relação destes representantes, sendo que dois grupos fizeram colagem e um preferiu desenhar imagens representativas do tema. Foi um trabalho muito significativo. Ao construir os painéis, focando sobre identidade de gênero, constatei a realização dos objetivos propostos através das imagens relevantes apresentadas sobre o tema da pesquisa, trazendo o símbolo maior em questão (a bandeira gay LGBTQIA+) como um marco de luta e resistência. A imagem enquanto texto visual possibilitou um meio de desconstruir comportamentos intolerantes, significar e ressignificá-los. É o descortinar de um novo olhar sobre a cultura visual que desconstrói antigos paradigmas e agrega outras ideias, outros elementos, para o fortalecimento de relações de empoderamento. Estes painéis integraram a visualidade da performance, realizada ao final do processo. Se por um lado eram registros pedagógicos do processo criativo com a turma, por outro, eles foram incorporados como elementos plásticos visuais da cena performática. Naquela ocasião, eu estava motivado pelas discussões no componente curricular do Profartes, *Performance e performatividade na cena contemporânea*, sob orientação do Prof. Stênio Soares, quando abordávamos um aspecto da performance como gênero capaz de diluir as fronteiras entre as linguagens artísticas. Portanto, ao incorporar as visualidades produzidas durante o processo criativo, à performance, eu buscava essa experiência de construção de uma linguagem com fronteiras híbridas. Infelizmente, essa materialidade foi alvo da intolerância. Ao final da realização da performance, quando eu organizava os materiais para guardá-los, encontrei estes painéis destruídos, resultado de um vandalismo de surdina, cuja autoria não foi possível identificar.

Durante o processo pedagógico teatral, realizei um exercício de construção dramatúrgica, com ênfase no gênero monólogo. Esse processo aconteceu em três etapas: no primeiro momento, planejei uma aula abordando conceito, classificação e características do gênero; no segundo momento, realizei a aula expositiva em que eu

pude partilhar um texto de minha autoria, que abordava um personagem adolescente que estava descobrindo sua sexualidade e que tinha dificuldade para assumi-la diante de um pai militar; no terceiro momento, as estudantes e os estudantes foram convidados a construir e encenar, individualmente, os monólogos de sua autoria, baseados em suas vivências ou episódios que eles assistiram ou tiveram alguma participação direta ou indiretamente. Algumas encenações dos monólogos aconteceram na quadra de esportes da escola, enquanto outras aconteceram na sala de aula. Percebi que o mote de algumas produções apresentou o preconceito do aluno para com o professor, e em outras tratou desse tema entre os colegas. Houve um estudante cristão, de orientação protestante, que considerou minha proposta pedagógica como “ideologia de gênero” e criou um monólogo com um personagem que representava o “pecado aos olhos de Deus”. Em outro momento, realizamos uma atividade de construção de histórias em quadrinhos, com abordagem dos temas identidades de gênero, sexualidades, LGBTfobia e preconceito. Para tanto, apresentei um vídeo que informava sobre os elementos essenciais das histórias em quadrinhos. As histórias precisavam apresentar características do texto cênico, como por exemplo, os elementos da narrativa (conflito, clima, clímax, desfecho, protagonistas e antagonistas). Os estudantes se organizaram em grupos e usaram recursos diversos para a produção do texto. Alguns trabalhos já propunham ilustrações para a cenografia da performance final.

Estas atividades foram muito produtivas, pois, além de desenvolver a criatividade em contar uma história com início, meio e fim, abordando a LGBTfobia, demonstravam possíveis formas de convivência entre as pessoas no ambiente escolar. As alunas e os alunos desenvolveram habilidades visuais através dos desenhos (personagens), que faziam parte do roteiro. As cenas produzidas foram de grande relevância para a compreensão do preconceito de identidades de gênero e da homofobia no contexto escolar, elas mostravam como a discriminação motiva a evasão escolar e como isso repercute na condição subjugada e subalternizada de um grupo de pessoas da sociedade.

Na terceira parte do processo, foram lidas as canções “Gente de toda cor” de Renato Luciano; “Diversidade” de Lenine; e o texto “Gente” de Denise Luz; assim como o cordel “Diversidade” de Bráulio Bessa, dentre outros autores. Os quais foram de grande relevância para a construção da performance. Em seguida, selecionamos os textos que seriam utilizados durante a performance, de acordo com a identificação

de cada aluna e aluno. Durante a construção dramatúrgica e sua realização, lhes orientei que se despissem de qualquer técnica teatral de construção de personagem, para poder dar relevância aos sentimentos reais e aos aspectos mais friccionados à vida. A partir daí elaboramos a cenografia e figurino, em diálogo com as cores da bandeira do movimento LGBTQIA +. Sempre imergindo a pesquisa cênica como diálogo entre as linguagens artísticas da música, das artes visuais, do teatro e da performance.

O grupo Um – acolheu o projeto de forma respeitosa, bem como as atividades desenvolvidas. Neste, foi pontuado a importância de trabalhar o sujeito da pesquisa. A aluna B sinalizou que através das diversas linguagens artísticas, podemos transformar atitudes LGBTfóbicas em relações de respeito e tolerância para com o diferente por se expressar e comportar-se de modo afeminado. Estas(es) alunas(os) acreditam que através da educação, é possível desconstruir o conceito equivocado de que a cultura heteronormativa é a única reconhecida como normal. Na aula seguinte, conversamos sobre a importância de discutir este tema em sala de aula, de modo que aos poucos, as atitudes preconceituosas e excludentes sejam combatidas. O aluno C diz que, independentemente da orientação sexual de cada um, precisa ter respeito pelo ser humano. Durante a execução dessa atividade, foi colocado pela aluna M, que o espaço escolar é essencial para aprender a se relacionar de maneira respeitosa com a(o) diferente. A estudante colocou que *“os dedos das mãos são irmãos, mas não são iguais e que um depende do outro”*, querendo assim dizer que o diferente precisa do diferente para compreender que cada indivíduo é único e possui singularidades a serem respeitadas, justamente por suas diferenças.

Quanto às produções textuais, embora tenham tido dificuldades na produção dos monólogos, em relação à estrutura linguística, os alunos B, C e M destacaram-se também em relação à temática, demonstrando assim que compreenderam e interagiram. Por exemplo, o aluno C, na narrativa, apresenta em seu monólogo o protagonista Lucas, com uma postura inicial preconceituosa em relação a uma pessoa que conheceu, chamada Joyce, por ser transsexual, mas ele reflete a partir do momento que percebe que ela é acolhedora e apresenta uma atitude de afirmação de quem realmente é. A partir daí, ele (Lucas) quebra o preconceito e resolve fazer amizade com Joyce. O aluno C demonstra uma postura de acolhimento ao objeto da pesquisa, de tal forma que com seu toque musical, deu voz a muitas vozes silenciosas ao produzir o Rap – Gente como a gente. Através do qual, ele convida à solidariedade,

originalidade, harmonia, força e resistência para quebrar o preconceito.

O grupo dois recebeu com entusiasmo e percebeu a importância do rap. E sugeriu a possibilidade de se discutir na escola sobre gênero e sexualidade, para que possam estar atentos a comportamentos preconceituosos e LGBTfóbicos. Pontuaram que quanto mais for colocado em pauta estas questões no contexto escolar, maiores serão as possibilidades de incluir os que não se enquadram na cultura heteronormativa, bem como assumir sua identidade de gênero sem vir a sofrer com o preconceito que exclui e dificulta o desenvolvimento escolar. A aluna P sinalizou sobre a importância de ter no currículo escolar uma disciplina que trate do fortalecimento das relações entre alunas(os) heterossexuais e homossexuais, para que se crie uma rede de relações respeitadas para com o segmento LGBTQIA+. De acordo com as ideias deste grupo, apresentaram em seus monólogos, a necessidade de interação, destacando-se o aluno W, em sua escrita cuja narrativa apresentava um casal gay pego em flagrante beijando, cujo pensamento expressou respeito e aceitabilidade ao outro, sem desejo de punição ou exclusão.

Quanto ao grupo três, composto por alunos evangélicos, mostraram-se disponíveis para participar do projeto, porém estiveram sempre afirmando que respeitam as pessoas LGBTQIA+, mas faziam questão de enfatizar que é pecado ser do gênero masculino e comportar-se como afeminado. O aluno E2 reforçou a ideia do colega F2 que quando algo não comunga com os princípios bíblicos consequentemente, não é bom aos olhos de Deus. O aluno G2 afirmou que quando um tema não contempla as ideias da Bíblia, consequentemente não tem relevância para a formação do indivíduo, enquanto cidadão. Ressaltando que alguns(mas) alunos(as) desistiram, ficando claro que a falta de continuidade se deu pelo fato do tema desenvolvido não condizer com suas orientações religiosas. E destacando que dois alunos participaram até o final, demonstrando respeito e apoio ao objeto pesquisado e também aos considerados diferentes.

Em relação aos monólogos deste grupo, todas as produções expressaram uma postura de respeito. Entretanto, de não aceitação de uma amizade com homossexuais, por serem evangélicos, por acharem que pode interferir no desenvolvimento de sua vida cristã. O texto do aluno E2, por exemplo, demonstrou que respeita a feminilidade do colega, mas não se sentia à vontade para trabalhar no mesmo grupo que ele, por pertencer a família evangélica. E o aluno M2, também expressou em seu texto a mesma concepção, quando a professora de Ciências abordava sobre sexualidade

durante a aula, demonstrando assim uma postura de não aceitação.

Finalmente, ficou decidido que os textos produzidos por eles não seriam apresentados, mas seria realizada uma performance, utilizando os textos trabalhados durante a 3ª etapa. A experiência de um processo criativo contribuiu de forma direta para atuação e desenvolvimento, durante as aulas com atividades direcionadas à reflexão sobre o preconceito. Para realizar as estratégias sugeridas pelo projeto, foram feitas atividades voltadas ao exercício da tolerância e do respeito pluralidade sexual. Penso que esta experiência pedagógica foi de grande importância para a comunidade escolar, para que em breve, seja possível viver em um ambiente menos preconceituoso e mais respeitoso. Destaco também que se levantou a questão sobre como se comportar diante de um colega, funcionário ou professor que seja vítima do preconceito no ambiente escolar.

3 DIÁLOGOS ENTRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA TEATRAL E AS TEORIAS CRÍTICAS

Vejo que os espaços sociais e culturais ainda não respiram uma hibridade pacífica. As pessoas LGBTQIA+ estão sempre resistindo ao contínuo extermínio, que assola principalmente os que estão em situação de pobreza. É preciso ir além do discurso, intervir artisticamente quebrando as normas moralistas, presentes também fortemente nos currículos formadores da sociedade. Furlani, (2007) aborda sobre esta tomada de identidades culturais pensados como monstros curriculares normatizados pelo olhar moral e pela regulação social para firmar identidades reconhecidas na grandeza da fusão de várias construções culturais. E ao lançar um olhar sobre a escola onde convivo, percebi revolta e agressividade como forma de defesa das(os) estudantes. Enquanto alguns professores buscam uma pretensa “neutralidade” no seu fazer pedagógico, o que não colabora no combate às situações de opressão.

E como enfatiza Paulo Freire (2001) na Pedagogia do Oprimido, ao destacar a liberdade do “chão da escola”, há uma luta em combate ao preconceito e à LGBTfobia, na educação básica, considerando as diferenças culturais, e pautado no currículo “Queer” Louro (2001) voltada para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocar em discussão as formas como o ‘outro’ é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. E vai pensando e atuando na

educação básica, trazida à tona, por estudantes de modo a considerar as diferenças, ampliando assim seus discursos artístico – estéticos, de modo a dar voz ao que descentraliza a cultura heteronormativa.

Como professor-pesquisador, diante do objeto estudado, encontrei pelo viés da música, um caminho facilitador para desenvolver o respeito e a tolerância, ao trabalhar com “Diversidade” de Lenine e “Gente de toda cor” de Renato Luciano. Em nossas reflexões, vi que houve uma boa receptividade e compreensão por todos. Os quais afirmaram a existência da diversidade de gente, desejos afetivos diferentes e que não há necessidade de qualquer tipo de discriminação. Como afirma OLIVEIRA e FARIAS (2020), a música é um recurso epistêmico-educacional que alarga as percepções das práticas escolares de modo a evidenciar corpos dissidentes da norma.

Inclusive foi pontuado por um aluno, sobre a possibilidade do currículo escolar oferecer uma disciplina que trate da importância e do fortalecimento das relações, de modo que não privilegie algumas identidades em detrimento de outras. Importa ressaltar o comprometimento em relação ao mesmo. Vejo isto como uma questão primordial de base. Para isso ocorrer, deve-se inserir componentes curriculares mais abrangentes que facilitem a afirmação das diversas identidades de gênero, desconstruindo assim o conceito padrão, apenas biológico.

Professores, gestores, funcionários e toda comunidade escolar, onde desenvolvi o referido projeto, ainda não dispõem de políticas públicas que reflitam, instrumentalizem e possibilitem a construção da identidade de gênero numa perspectiva de convivência respeitosa e que esta reverbere a toda sociedade. Além disso, alguns segmentos não se colocam disponíveis para tratar das questões citadas. Inclusive o documento base BNCC – não privilegia estas possibilidades. Deste modo, o indivíduo que subverte desta orientação tem sofrido com a intolerância e a falta de acolhimento levando a um caminho perverso de exclusão em todas as áreas, sendo que:

As mudanças próprias dessa fase da vida implicam a compreensão do adolescente como sujeito em desenvolvimento, com singularidades e formações identitárias e culturais próprias, que demandam práticas escolares diferenciadas, capazes de contemplar suas necessidades e diferentes modos de inserção social. (BRASIL, 2018, p. 60);

Apesar da BNCC preconizar isso, não existem questões no documento, que estejam relacionadas à educação das relações de gênero e sexualidade. Citando a mesma apenas no campo biológico, de modo que não dá voz ao ser, para tornar-se

sujeito de sua história. É algo que infelizmente não tem sido feito. Falta acesso às áreas de conhecimento para ampliar discussões em todos os segmentos da comunidade escolar. Isso que tem ocorrido se deve ao fato da ausência de questionamentos e reflexões sobre abordagens e práticas alicerçadas no processo de construção cultural em detrimento do aspecto biológico, sendo que já está inserido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

A postura dos educadores precisa refletir os valores democráticos e pluralistas propostos e os objetivos gerais a serem alcançados. Em relação às questões de gênero, por exemplo, os professores devem transmitir, por sua conduta, a valorização da equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente. Ao orientar todas as discussões, eles próprios respeitam a opinião de cada aluno e, ao mesmo tempo, garantem o respeito e a participação de todos, explicitando os preconceitos e trabalhando pela não-discriminação das pessoas. Para a construção dessa postura ética, o trabalho coletivo da equipe escolar, definindo princípios educativos, em muito ajudará cada professor em particular nessa tarefa. (BRASIL, 1997, p. 303).

Pertinente proposta de desconstrução, no trabalho coletivo de equipe. Segundo os PCNs, a comunidade escolar precisaria repensar seu discurso e prática pedagógica em relação às “questões de gênero”, conduzindo com equidade e dignidade, de modo respeitoso e participativo. Enquanto escola, devemos ensinar nossos jovens, o caminho de lutas e resistências. Contudo, vale salientar que após a homologação da BNCC, a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais orienta, mas o que garantiria legalidade seria o que rege a mesma, para a formulação de todas as áreas do currículo. A retirada dos termos gênero e orientação sexual da versão de 2018 da BNCC traz consequências negativas. Por exemplo, o aumento da LGBTfobia e da evasão escolar, devido à falta de respeito para com alunos e alunas dissidentes da cultura heteronormativa.

É mister que a organização de um bom currículo para o ensino fundamental II a partir do 7º ano, deve contemplar a discussão de gênero e sexualidade para favorecer no combate a LGBTfobia na escola. Partindo destes pressupostos, como estas consequências poderiam ser enfrentadas? Com a discussão de gênero e sexualidade na comunidade escolar, poderia melhorar os dados de violência e discriminação na escola e também fora dela, então deveria trazer de volta ao documento da BNCC a possibilidade de trabalhar gênero e sexualidade de forma transversal e/ou interdisciplinar, ou até mesmo inserir no currículo uma disciplina que trate deste conteúdo, aprendendo a manter o respeito para com os dissidentes da cultura cis – heteronormativa e considerando todas as dimensões da sexualidade: a

biológica, a psíquica e a sociocultural, além de suas implicações políticas. Precisa haver uma cultura comportamentalista baseada na tolerância em relação ao outro que é diferente. Como afirmam ARAÚJO, CRUZ e DANTAS (2018), “a escola não pode permanecer com o discurso da pseudoneutralidade diante da realidade contemporânea na qual ela está inserida”.

É necessário ressaltar que, na escola onde desenvolvi a presente pesquisa, ficou comprovado que intervenções artístico-pedagógicas são um caminho transformador para afirmação de identidades LGBTQIA+, bem como um estímulo para discussões a respeito das relações de gênero e sexualidade. Estes estudos precisam ser alargados para outras áreas do conhecimento no contexto escolar. Diante disso, é importante possibilitar aos professores durante o curso de formação continuada, bem como para todos os segmentos da comunidade escolar, que a LGBTfobia na escola não pode ser vista como um problema banal.

A pedagogia decolonial é também um meio de resistir e desconstruir estes padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados durante todos esses anos, sendo também uma crítica direta à modernidade. Oliveira e Candau (2010) dizem que: A decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber. É uma possibilidade de dar voz que pode aos poucos fomentar a afirmação do pensamento decolonial, o qual se coloca como uma alternativa para ouvir e acolher essa minoria que é vitimada pela estrutura social, política, cultural e econômica.

3.1 ABORDANDO A DIVERSIDADE DE IDENTIDADES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

Há um paradoxal mundo a ser refletido para se entender os gêneros construídos culturalmente. Isso porque uma complexa rede de aspectos (raciais, históricos, sociais, econômicos, políticos e religiosos) vai ao longo da vida, impondo voz a cada ser e construindo sujeitos histórico-sociais. A luta do movimento dos direitos das pessoas LGBTQIA+ se estende em ações estruturais na cultura e na educação. Dessa maneira, é possível vislumbrar uma mudança na sociedade, que venha a contemplar o respeito e a inclusão dessas pessoas. Nesse sentido, a escola, enquanto instituição social, é o lugar privilegiado para essa transformação. No

presente artigo, eu partilho minha experiência de artista-educador gay como “corpo-testemunha” (SOARES, S. J. P., 2017), capaz de depor e refletir a respeito de uma vivência particular no contexto escolar em que estou inserido.

Na sociedade capitalista, a escola passou a formar cidadãos disciplinados, imperando o perfil do homem branco heterossexual, classe média cristã. Miskolci (2009) afirma que as ferramentas sociológicas são importantes para a compreensão de trajetórias históricas e presentes das circunstâncias culturais na construção das identidades de grupo.

Importante ressaltar que todos os movimentos e grupos sociais veiculados pelas mídias são de extrema importância para afirmação das múltiplas identidades LGBTQIA+, bem como representam as marcas de lutas e resistência no combate à LGBTfobia. Servem de suporte para que os diversos segmentos da unidade escolar possam refletir, compreender e rever suas respectivas posturas de modo a dar apoio quando necessário, alargando assim os conhecimentos de todas e todos e construindo uma sociedade cada vez menos preconceituosa.

Neste tecer das identidades, do nascer ao morrer, vai sempre acrescentando vivências aos diferentes significados interpretados, de acordo com as particularidades de cada um. Assim, nos tornamos únicos e recheados de desejos de liberdade, práticas e aspirações pulsando diante de uma hegemonia social que quer moldar e encaixar tudo e todos para impor o que chamam de história e cultura. A ideia generalizada, estática, única de identidade é uma fantasia. Por quê? Porque somos seres únicos, em contextos sociais e culturais diferentes e personalidades diversificadas. Deste modo, e a depender da necessidade de cada pessoa, é preciso dispor e corroborar na construção de diferentes identidades. Como afirma Hall: O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos (...). Dentro de nós há identidades contraditórias, (...), de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006).

Mesmo com o pulsar e/ou deslocar das múltiplas identidades, ainda há, nas escolas, uma pedagogia de corpos educados que impõem um comportamento para as pessoas (principalmente jovens e crianças) que muitas vezes, nem tem uma orientação sexual definida, mas pelo simples fato de agirem com delicadeza, ou por se expressarem fora do padrão cultural estabelecido pela mídia, escola, igreja e família, são discriminadas. Estas instituições visam produzir jovens estudantes engessados por uma cultura heteronormativa. É primordial que todo indivíduo tenha

direito à educação de qualidade, que ofereça condições de transformações eficazes para o seu desenvolvimento. Segundo SOARES (2012), é inegável constatar o papel transformador da escola num ambiente que favoreça o desenvolvimento intelectual, pessoal, profissional, psicológico e emocional de todos os estudantes. Entretanto, vejo que tem sido ainda raridade em plena contemporaneidade, desenvolver posturas que fomentem a inclusão. Para que isso ocorresse, deveria haver interdisciplinaridade, unidade nas instituições escolares, no sentido de criação de projetos temáticos que contemplassem as diversidades, o respeito ao outro, a quebra do preconceito e que não fossem excludentes.

Em 2018, desenvolvi um projeto sobre preconceito e homofobia na escola, com meus alunos da Etapa II (no vespertino), o qual fiz trabalhos em grupo e um deles apresentou uma cena em que a diretora (personagem), flagrava um casal heterossexual demonstrando afeto e um casal de gays apenas de mãos dadas. A personagem diretora liberou o casal hetero naturalmente, enquanto com o casal gay, ela levou-o para a direção e fez um discurso excludente. Em seguida, fiz uma reflexão coletiva e todos que participaram desta cena, pontuaram sobre a importância de trabalhar temáticas como essa, para que haja a minimização do preconceito. Concluí, enquanto educador, que é possível pensar gênero e sexualidade sobre o ponto de vista de construção cultural evitando a exclusão e celebrando a diversidade de identidades.

A identidade de gênero, como significados culturais, expressa indivíduos estritamente performáticos através da representação. Ou seja, performando, transgredimos para enfrentar a hegemonia das relações e afirmarmos nossas identidades. Conforme Colling (2007), o gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste, os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva (BUTLER, 2002, apud COLLING, 2007).

Estes novos paradigmas que têm surgido, a cada dia, têm contribuído com novos conceitos e práticas, de modo que avance na conceitualização e reflexão sobre como o gênero e sexualidade são vistos do ponto de vista cultural, o qual vai além do binarismo (masculino e feminino) imposto, alicerçado por uma cultura heteronormativa LGBTfóbica que desrespeita as demais construções culturais. Para FERREIRA (2010), gênero e sexualidade são conceitos presentes no dia a dia, por todos os espaços sociais, seja na escola, rua, igreja, e são produções culturais que constroem identidades e grupos de pertencimento.

Importa resgatar a autoestima e construir um autoconceito cotidianamente performado para construir a identidade. O que não é fácil, porque faltam políticas públicas educacionais que invistam nas minorias. A sociedade exige que se adaptem às normas da cultura heteronormativa e estas dificultam a liberdade de ser, ir e vir. Neste contexto, ocorrem posturas diferenciadas das pessoas LGBTQIA+: há os que optam de maneira camuflada e não ousam se revelar com receio do preconceito e da discriminação, e os que enfrentam, lutando contra a exclusão e a violência na família, na escola e na comunidade em geral. O qual, de acordo com Cortella e Ferraz (2012), é preciso ter ouvidos para a vítima. No trabalho de uma sala de aula, não basta haver um discurso sobre o preconceito, é preciso que as vítimas de várias naturezas consigam se expressar (CORTELLA; FERRAZ, 2012).

É de extrema importância, praticar nas escolas, uma pedagogia que leva em consideração os aspectos psicológicos deste indivíduo, suas necessidades e direitos. Desta forma, prepara-se um adulto para desenvolver-se, respeitando as suas singularidades. O ensino de artes, por exemplo, em suas diversas linguagens e modalidades, é um canal que potencializa o respeito ao outro. Educadoras e educadores precisam repensar suas práticas, envolvendo as artes. O que inclusive é apresentado sobre este aspecto na BNCC:

O Teatro instaura a experiência artística multissensorial de encontro com o outro em performance. Nessa experiência, o corpo é lócus de criação ficcional de tempos, espaços e sujeitos distintos de si próprios. [...] Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuentes e espectadores. (BRASIL, 2018, p. 96).

Isto é pertinente, por exemplo, em relação ao ensino do teatro e da performance. Os quais propõem uma reflexão para romper com a política macerada, que desconsidera as peculiaridades de cada indivíduo. Estas linguagens possuem meios eficazes de transformação, fazendo com que se utilizem das ferramentas cênicas como um veículo necessário para a construção e afirmação de identidades LGBTQIA+, por vezes contraditórias, como o vento soprando em várias direções, deslocando numa areia movediça de modo múltiplo, diversificado e sedento de vida artística.

3.2 UM OLHAR ACERCA DA EXPERIÊNCIA COM A PERFORMANCE NA SALA DE AULA.

Por entender a performance como um gênero artístico – estético, independente de caráter provocativo com singularidades e peculiaridades próprias, procurei

experimentar um processo artístico-pedagógico em diálogo com essa linguagem em minha prática docente no Colégio Estadual onde trabalho. Nesse sentido, o processo de construção de uma performance, mas especialmente sua realização como culminância de uma prática pedagógica, aconteceu como um meio facilitador para o diálogo, uma forma de lutar na redução de preconceitos e combater a LGBTfobia na escola. A aproximação junto a esse gênero artístico se deu por acreditar que, por meio dele, poderia contestar, enfrentar, abordar de forma reflexiva, questões referentes às identidades de gênero e sexualidade, mas também fortalecer as relações sociais e contribuir com a ruptura das formas tradicionais de um fazer artístico-pedagógico recorrente na escola.

E conforme foi decidido em diálogo com as estudantes e os estudantes, realizamos a performance a partir da seleção de texto que cercavam nossa motivação poética sobre o tema. Nesse sentido, adotei como procedimento uma primeira leitura, menos técnica e sem compromisso cênico-dramático, desfazendo-se da melodia das músicas, em concentração na letra das canções com ênfase na apropriação para um sentido discursivo singular próximo a nossa investigação. Com isso, em uma leitura intertextualizada, para tessitura de uma unidade de sentido, finalizada com a construção de um rap de um dos estudantes. Posteriormente, realizamos alguns experimentos como ensaios, incorporando a linguagem cenográfica e de figurino como parte da visualidade da performance. A qual foi assistida por outras quatro turmas, além de professores e funcionários da escola.

Durante todo o processo de produção, colaborei como artista-professor, fazendo algumas intervenções, quando necessário, contudo, deixando claro que cada pessoa tem seu modo particular de performar. E como professor, acompanhei a participação de todas e todos e pude perceber no desenvolvimento das ações o quanto as(os) participantes estavam envolvidas(os). Cada estudante elaborou seu próprio discurso de forma consciente e crítica, demonstrando uma compreensão da importância de abordar a diversidade de identidades de gênero e sexualidade no âmbito escolar. Dessa maneira, reforço meu entendimento de que a linguagem da performance, especialmente no contexto da escola, é um canal interessante que favorece a transgressão de certos padrões discursivos artísticos e pedagógicos, e articula as diferentes linguagens artísticas em “um movimento anárquico, multiforme, onde qualquer definição negaria imediatamente qualquer possibilidade da performance em si mesma.” (GOLDEBERG, 2001, apud CAMARGO, 2016).

Constater, ao desenvolver a performance, como ela potencializa tanto a linguagem de quem dela experimenta criar, quanto sua recepção. A partir dela, pude perceber como as propostas performadas afetam as pessoas envolvidas no processo, provocando-lhes a tomada de atitude. Cada estudante-performer construiu a sua ação por meio de uma expressão particular, algo que potencializou todos a refletir sobre o tema.

Nesse sentido, concordo com FERRAL (2020), que a performance se propõe, com efeito, como modo de intervenção e de ação sobre o real, um real que ela procura desconstruir por intermédio da obra de arte que ela produz. Como linguagem, no seu processo interativo, pode questionar leis e comportamentos culturais, expor críticas às tradições, em especial às condutas discriminatórias. Na perspectiva universal, ela expande horizontes estéticos. Esta intervenção provoca uma reação lógica, em que os indivíduos descobrem métodos e estratégias revolucionadores provocando novas formas de criar e ressignificar. A performance enquanto linguagem poética faz com que o espectador torne-se disponível a romper com leis e comportamentos culturais, tradicionais, ultrapassados, desrespeitosos e intolerantes. Utilizei-me desta, como professor-performer, sensibilizando de modo a expandir horizontes e percorrer novos caminhos em busca de relações respeitadas e acolhedoras. Dessa forma, me aproximo da ideia do poeta-professor aludido por LORDE (2020): a única maneira pela qual sou capaz de ensinar qualquer coisa a outro ser humano sobre criar poesia é ensinar sobre mim, sobre perceber quem ele/ela é. Identifiquei-me com sua forma sensibilizadora. Uma professora performática que, através da linguagem poética, compartilhou de forma particular sobre sentimentos como o amor, no exercício da docência poética. No tecer das relações humanas, com toda a sua subjetividade, precisa-se reconhecer e desenvolver a capacidade de amar, sentir e respeitar pensamentos, ações e reações para aprender a dizer não, evitando assim ser prejudicado, principalmente; quando se nega a identidade artística, profissional, afetiva, poética, religiosa. Isso nos convoca a aprender a amar o nosso poeta interior, permitindo-o aflorar como sujeito transformador. E nesta intervenção provoca uma reação lógica, através do fazer artístico liberando a “catarse”,⁵ Através deste fenômeno, os indivíduos descobrem métodos e estratégias revolucionadores

5 Palavra de origem grega que significa a purificação das emoções. Que é provocada pelos atores em cena, na relação com a plateia.

provocando novas formas de criar e ressignificar.

O ser humano está em constante construção. Entretanto, o que um acredita como verdade, poderá não agradar a outrem. É o que ressalta a arte em toda a sua subjetividade e nesse sentido, ROYO (2015), afirma: A partir desse lugar, do topo do amor, é possível acessar a tarefa de subverter, desmontar, reconstruir e repensar a estrutura básica de um conceito historicamente tendencioso.

Esta arte subjetiva defendida por Royo foi trabalhada, deu voz e incentivou à percepção das identidades singulares e foi acolhida por algumas(uns) estudantes. Bem como oportunizada à comunidade escolar um incentivo para a desconstrução do discurso, tirando-o da perspectiva regulatória, intolerante, rígida e cristalizada. Podendo assim desenvolver estratégias pedagógicas, instrumentos de transformações para que esta(e) possa assumir uma postura de afirmação com liberdade e respeito.

Ao optar pela performance como estratégia, consciente da desnaturalização do corpo excluído, violentado verbal e fisicamente, que lhes é exigido uma postura enquadrada na heterossexualidade compulsória,⁶ percebi um ser diferente que sofreu violência levando muitas vezes, à exclusão e à evasão escolar. Diante disso, foi essencial estar em ação, para intervir e transgredir, rompendo com formas ultrapassadas do fazer artístico cênico em sala de aula, cujas características distanciaram dos espaços convencionais do teatro, mesmo porque, agora o teatro não é uma coisa fechada no palco, mas um verdadeiro ato submetido a todas as solicitações e distorções ditadas pelas circunstâncias, dando ênfase ao acaso. GLUSBERG (2006).

A linguagem artística enquadrada em um único padrão, fechado em uma única ideia, ou em um só aspecto, engessada, enrijecida, fragmentada, foi substituída pela arte recheada de liberdade para construir e reconstruir, de modo que este novo fazer cênico chegue ao olhar do espectador provocando e expurgando suas mazelas. Pois, através dele, impulsionado e regido pela mente vai tornando possível transformar o mundo abstrato, social, cultural e político.

Ao usá-la, o performer pôde desejar-se, esquecer-se e viver. O que ele próprio

6. "A heterossexualidade compulsória consiste na exigência de que todos os sujeitos sejam heterossexuais, isto é, se apresenta como única forma considerada normal de vivência da sexualidade. Esta ordem social/sexual se estrutura através do dualismo da heterossexualidade versus homossexualidade, sendo que a heterossexualidade é naturalizada e se torna compulsória". (COLLING, 2018, p. 45).

exibiu foi capaz de intervir de forma concreta, prática, utilizando-se de sua voz, corpo, olhar, inteiramente presente. Ele buscou uma verdade testemunha de sua existência. Este caminho ainda é estreito por causa das marcas trazidas em seu corpo, que reverbera até os dias de hoje. Entretanto, em consonância com Fabião (2009), o cidadão LGBTQIA+ encontrará condições para ir gradativamente desconstruindo e criando corpos individuais e coletivos, públicos e privados, potencializando a relação com seu corpo para disseminar uma reflexão e uma experimentação sobre a corporeidade do mundo, das relações, do pensamento.

Ao desenvolver uma sequência de ações, várias ideias foram desencadeadas, no panorama de sua execução. E o corpo que foi materializado, na “carne viva” e exposto ao público, provocou diversas reações diante das ações de negação através da intolerância e exclusão. O sofrimento deixou numerosas marcas testemunhando posturas opressoras geradas pela ideologia biológica que ora está se desconceitualizando para construir novas relações, pensamentos e ações favoráveis ao desenvolvimento intelectual, social, cultural e político do indivíduo pertencente às pessoas LGBTQIA+.

Contextualizados na arte contemporânea, utilizando-se do gênero artístico (provocativo, como é a performance), alunas e alunos não necessitaram assumir um personagem para provocar no público atitudes transformadoras em relação às questões que os afetam no seu dia a dia, fazendo-os refletir sobre a violência provocada pelos preconceituosos, a qual, dentro dos pressupostos teóricos de SOARES, S. J. P., (2017), através das memórias e marcas projetadas e refletidas em seu corpo sensível, testemunha e depõe como experiência, não apenas numa abordagem metodológica, mas na construção de uma epistemologia do saber por meio do corpo, essencial para as artes cênicas.

Diante dessa reflexão, faz-se um deslocamento verbal e simbólico no ambiente, onde as pessoas LGBTQIA+ testemunham dores, utilizando-se das marcas deixadas, resistindo e combatendo as atitudes que tem colocado-os no lupem da sociedade. Desta maneira, estamos ressignificando com gestos que deem novos sentidos e possam transformar em respeito, para que se sintam capacitados a assumir suas respectivas identidades.

Uma outra proposta, também bastante pertinente é o teatro do oprimido de Augusto Boal, por oferecer grandes recursos para formação de um sujeito que tem

voz e se coloca de maneira disponível para qualquer obra artístico estética, apoderando-se do conhecimento da linguagem cênica. Esta aquisição requer que o ser se desvincule da posição de receptor e passe a atuar como espect-ator, mesmo que não seja convidado ao jogo cênico. Este é um indivíduo “singular,” cujo interesse é ver o teatro e debater [...] O mais importante é fazer um teatro que tenha a perspectiva do povo, a perspectiva da mudança. BOAL (1980). Neste contexto, fiz interferências em atividades práticas e teóricas, ao apropriar-me do conhecimento da linguagem cênica (durante a pesquisa, no período online e híbrido), exercitando através das conversas, a importância de tal postura. Onde durante o processo pedagógico de construção do trabalho artístico, aconteceu um revezamento de papéis entre ator e espect-ator, o que tornou possível desenvolver o poder crítico, político e social.

E ao experimentar a linguagem cênica, as estudantes e os estudantes foram se colocando disponíveis para discutir a diversidade de identidades de gênero e suas singularidades. Nesta atividade artístico-pedagógica, a participação do estudante tanto como ator como espectador, me fez perceber algumas particularidades da reflexão de DESGRANGES (2003), cujo interesse consiste em se lançar ao embate estético, efetivando-se, a partir do desafio estabelecido pela arte, de modo a dinamizar os procedimentos pedagógicos ancorados pela mediação e aprofundados pelo conhecimento da linguagem teatral intensificando assim seu diálogo com a obra e as formulações estéticas.

Ao trazer as letras das músicas como parte constituinte da pesquisa para a linguagem cênica, alguns alunos partilharam suas impressões a respeito do tema. Uma aluna pronunciou-se sobre brincadeiras pejorativas, afirmando que elas devem ser evitadas, inclusive entre pessoas heterossexuais. Já outro aluno também fez uma colocação pertinente sobre a importância do desenvolvimento desses temas, para que haja respeito entre todos. Deste modo, constatei que elas e eles conseguem apresentar um discurso crítico, quando se colocam no papel de espectador de uma cena.

Através do jogo cênico nas atividades realizadas, percebi nas alunas e nos alunos, as atrizes e os atores que podem desejar e esquecer. Exibiram a arte cênica, jogaram de forma concreta, prática, utilizando-se de suas vozes, corpos e olhares, numa apresentação inteira. Elas(es) buscaram uma verdade viva testemunhando a vida em cena. Nisto consiste o teatro: numa necessidade cênica que atrai o espectador,

provocando a plateia com suas singularidades, requerendo benevolência e tolerância no olhar e buscando respeito.

Percebo então a similaridade de toda esta dinâmica do espectador com a performance que não necessita se vestir de um personagem para fazer uma intervenção, seja esta no aspecto político, social ou cultural. Tanto a(o) atriz/ator, quanto a(o) performer, atuam na carne viva, colocando-se em estado de prontidão. E assim, com todo este aparato de conceitualização nova e prática, pode-se vivenciar identidade de gênero e sexualidade na escola com mais leveza.

O compromisso afetivo propiciou um amadurecimento para a percepção de si mesmo e do diferente, assim como a afirmação de identidades LGBTQIA+ e de analisar a importância do fazer cênico. Necessitaram teorizar após realizar a performance. Além disso, foi realizada avaliação com sistematização do conteúdo cênico apresentado, apontando os aspectos relevantes ao tema proposto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso compreender que a heterossexualidade compulsória que impera na sociedade é excludente e violenta, ao atribuir uma identidade em função da biologia cuja referência se dá superficialmente pela anatomia corporal. O que não corresponde às mais diversas pessoas existentes nas múltiplas possibilidades de desenvolvimento das identidades de gênero. Estes indivíduos estão expostos ao preconceito, à LGBTfobia e à exclusão, por serem considerados fora do padrão imposto.

O preconceito social adquirido ao longo dos tempos, poderá ser minimizado no cotidiano escolar fomentando aos jovens, principalmente de escola pública, a exercitar o saber artístico criativo através dos próprios atos preconceituosos reproduzidos. É preciso que antes se preocupe em elaborar um projeto político pedagógico que trace os objetivos de acordo com o processo individual de cada aluno, que ofereça um ensino de qualidade, que venha a formar cidadãos críticos e conscientes de sua organização cultural, econômica e política. Para isso, é necessário levar em conta a história pessoal da(o) aluna(o) e sua relação com as atividades desenvolvidas na escola. Este projeto proporcionou caminhos para o desenvolvimento eficaz intelectual, social e cultural entre docentes, discentes, funcionários, gestores, família e comunidade, usando o teatro como um meio de crescimento pessoal para oferecer possibilidades ao indivíduo de se expressar socialmente independente de gênero,

raça e condição social. Espero que através do fazer cênico em sala de aula, possamos exercitar nossas relações afetivas e nosso potencial de respeito e tolerância ao outro.

Assim foi de vital importância, esta prática pedagógica artístico estética, a qual aponta para modificações da visão de mundo e sociedade, na perspectiva da formação pessoal e da comunidade escolar pública, para a afirmação política e cultural. A performatividade de gênero tem subvertido, com inteligibilidade, seu lugar de fala em combate à cultura heteronormativa. Tem questionado posturas e atitudes contrárias à tolerância e ao respeito no sentido de reconhecer que precisamos construir conceitos coerentes para fortalecer o segmento LGBTQIA+. E a partir deste projeto, observei que realmente o indivíduo que não segue este padrão está exposto à desigualdade, exclusão social e preconceito.

Ao avaliar a participação nas produções, constatei que trouxe organicidade e fundamentação, alicerçando assim, a defesa e a proteção contra atitudes LGBTfóbicas e preconceituosas. O qual foi um trabalho que integrou técnica e teoria, trazendo compreensão. As indagações levaram a reflexões sobre como as histórias ilustradas, os monólogos e os painéis contribuíram para a desconstrução de tais comportamentos, através dos conhecimentos educacionais das artes cênicas.

Mesmo observando através desta pesquisa que a família, nem sempre apoia, é papel dela e da escola (professores, direção, coordenação, bem como do estado) de despertar e refletir sobre a temática em discussão e criar possibilidades de executar ações que atendam de forma efetiva, estudantes que sofrem com a violência simbólica, verbal e física. Em especial, os que não se expressam corporalmente e afetivamente em harmonia com a cultura heteronormativa. Seu corpo testemunha registra marcas de uma memória excludente e será necessário que sejam criados meios eficazes de acolhimento, gerando seres capazes de assumir com autonomia, sua identidade. Sendo fortalecidos para vivenciá-la sem serem desrespeitados em suas escolhas.

No despontar das necessidades em sala de aula, é preciso incluir os problemas fundamentais e urgentes da vida social que requerem uma interação com o ensino e a aprendizagem de valores, procedimentos e concepções a eles relacionados. Ao analisar todos os aspectos deste fazer cênico, posso afirmar o quanto contribuiu para que alunas(os) refletissem sobre suas atitudes diante de outrem, e desenvolvessem uma postura de combate ao preconceito escolar de modo a favorecer o desenvolvimento intelectual, social e cultural de todas/es/os.

5. REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Denise Bastos de; CRUZ, Izaura Santiago da; DANTAS, Maria da Conceição Carvalho. **Gênero e sexualidade na Escola**. Salvador: UFBA – Superintendência de Educação a Distância, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30888>. Acesso em: 25 abr. 2022.
- BESSA, Bráulio. Diversidade. *In*: POEMA Diversidade: agentes educacionais I E II. Curitiba: Departamento de Políticas e Tecnologias Educacionais, 2018. p. 1-2. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagógica/julho_2018/anexo1_poema_diversidade_v2.pdf. Acesso em: 14 jul. 2017.
- BOAL, Augusto. **200 Exercícios e jogos para o ator e não ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 3. Ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 22 jul. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. Brasília, DF: MEC: SEF, 1997.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO, Robson Correia de. Per-formance e performance art: superando as velhas tra(d)ições. **MORINGA** – Artes do espetáculo, João Pessoa, v. 7, n. 1, p.11-27, 2016. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/moringa/article/view/29283>. Acesso em: 28 nov. 2021.
- COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: Virtual Books, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30887>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- COLLING, Leandro. Teoria Queer. **Mais definições em trânsito**, Salvador, 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2021.
- CORTELLA, Mario Sérgio; FERRAZ, Janete Leão. **Escola e preconceito: docência, discência e decência**. São Paulo: Ática, 2012.
- DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do espectador**. São Paulo: HUCITEC, 2003.
- DIVERSIDADE. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Lenine Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BuCN4BIFrPc>. Acesso em: 4 jun. 2022.

FABIÃO, Eleonora. Performance Teatro e ensino: Poéticas e políticas da interdisciplinaridade. *In*: FLORENTINO, Adilson; TELLES, Narciso (org.). **Cartografias do Ensino do Teatro**. Uberlândia: EdUFU, 2009. p. 61-72.

FÉRAL, Josette. '**Além dos limites**: teoria e prática do teatro. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERREIRA, Maria de Fátima de Andrade. Gênero sexualidade e saberes pedagógicos: uma abordagem teórica falando de diferenças, preconceitos e discriminação social. **Estudos IAT**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 61-84, 2010. Disponível em: <http://estudosiat.sec.gov.br/index.php/estudosiat/article/viewFile/5/44>. Acesso em: 28 maio 2022.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805>. Acesso em: 28 maio 2022.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. **Educação em Revista**, Curitiba, n. 46, p. 269-285, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/5nNjC3xKQxqKZMXVLFRdQdh/?lang=pt#:~:text=Quer%20sejam%20tomados%20como%20identidades,pela%20normatiza%C3%A7%C3%A3o%20pelo%20olhar%20moral>. Acesso em: 18 jul. 2022.

GOLDBERG, Rose Lee. **A arte da performance**: do futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**: do Futurismo ao presente. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LORDE, Audre. **Sou sua irmã**: escritos reunidos. São Paulo: UBU, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 9, p. 541-553, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHMr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 6 nov. 2021.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-18, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

OLIVEIRA, Luiz Fernando de; CANDAU; Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n.1, p.15 – 40, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvQp4v/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 28 nov. 2021.

OLIVEIRA, Wenderson Silva; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; Enviadescer a educação musical, musicar a bicha e fraturar currículos: Estranhamentos sonoros para pensar fazer um currículo Queer. **Revista da Abem**, Fortaleza, v. 28, p 139-161, 2020. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/903/573>. Acesso em: 5 nov. 2021.

ROYO, Victória Perez. Sobre a pesquisa nas artes: um discurso amoroso. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Espanha, v. 5, n. 3, p. 533-558, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/57862>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SOARES, Mayana Rocha. Performatividade de gênero em âmbito escolar ou o veadinho e a sapatona. *In*: ENCONTRO BAIANO DE CULT – ESTUDOS EM CULTURA, 3., 2012, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2012. p. 1-13.

SOARES, Stênio José Paulino. Uma poética do gesto ou memórias de um corpo testemunha. **Cena**, Porto Alegre, n. 22, p. 208-222, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/72670>. Acesso em: 10 ago. 2022.

6. ANEXOS

ANEXO A – TABELA 1: ACOLHIMENTO AO OBJETO PESQUISADO

ALUNOS	IDADE	COR	IDENTIDADE DE GÊNERO
A	15	Negra	Mulher
B	15	Negra	Mulher
C	14	Negra	Homem
D	13	Negra	Mulher
E	13	Negra	Mulher
F	13	Negra	Mulher
G	15	Negra	Mulher
H	14	Parda	Mulher
I	13	Parda	Homem
J	13	Parda	Homem
K	15	Branca	Homem
L	15	Parda	Homem
M	13	Branca	Mulher
N	13	Parda	Homem
O	14	Branca	Homem
TOTAL=15	5 alunos de 15 3 alunos de 14 7 alunos de 13	Negra = 7 Parda = 5 Branca=3	Mulher = 8 Homem= 7

ANEXO B – TABELA 2: DISCUSSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

ALUNOS	IDADE	COR	IDENTIDADE DE GÊNERO
<u>P</u>	15	Negra	Mulher
Q	14	Negra	Homem
R	13	Parda	Homem
S	15	Parda	Mulher
T	14	Parda	Homem
U	14	Negra	Mulher
V	15	Parda	Mulher
<u>W</u>	14	Negra	Gay
X	14	Branca	Mulher
Y	13	Negra	Gay
Z	15	Branca	Mulher
A2	13	Negra	Mulher
<u>B2</u>	14	Branca	Homem
C2	14	Negra	Homem
D2	14	Parda	Mulher
TOTAL=15	4 alunos de 15 8 alunos de 14 3 alunos de 13	Negra = 7 Parda = 5 Branca=3	Mulher = 8 Gay = 2 Homem= 5

ANEXO C – TABELA 3: ALUNOS EVANGÉLICOS

ALUNOS	IDADE	COR	IDENTIDADE DE GÊNERO
E2	14	Parda	Homem
F2	14	Parda	Homem
G2	15	Parda	Homem
H2	15	Parda	Mulher
I2	14	Negra	Homem
J2	15	Negra	Mulher
K2	13	Negra	Homem
L2	13	Branca	Mulher
M2	15	Negra	Homem
N2	14	Parda	Homem
O2	14	Parda	Mulher
P2	14	Negra	Mulher
Q2	14	Negra	Homem
R2	13	Negra	Mulher
S2	15	Parda	Mulher
TOTAL=15	5 alunos de 15 7 alunos de 14 3 alunos de 13	Negra = 7 Parda = 7 Branca=1	Mulher = 7 Homem= 8

ANEXO D – PAINEL CONSTRUÍDO POR UM DOS GRUPOS DO PROJETO



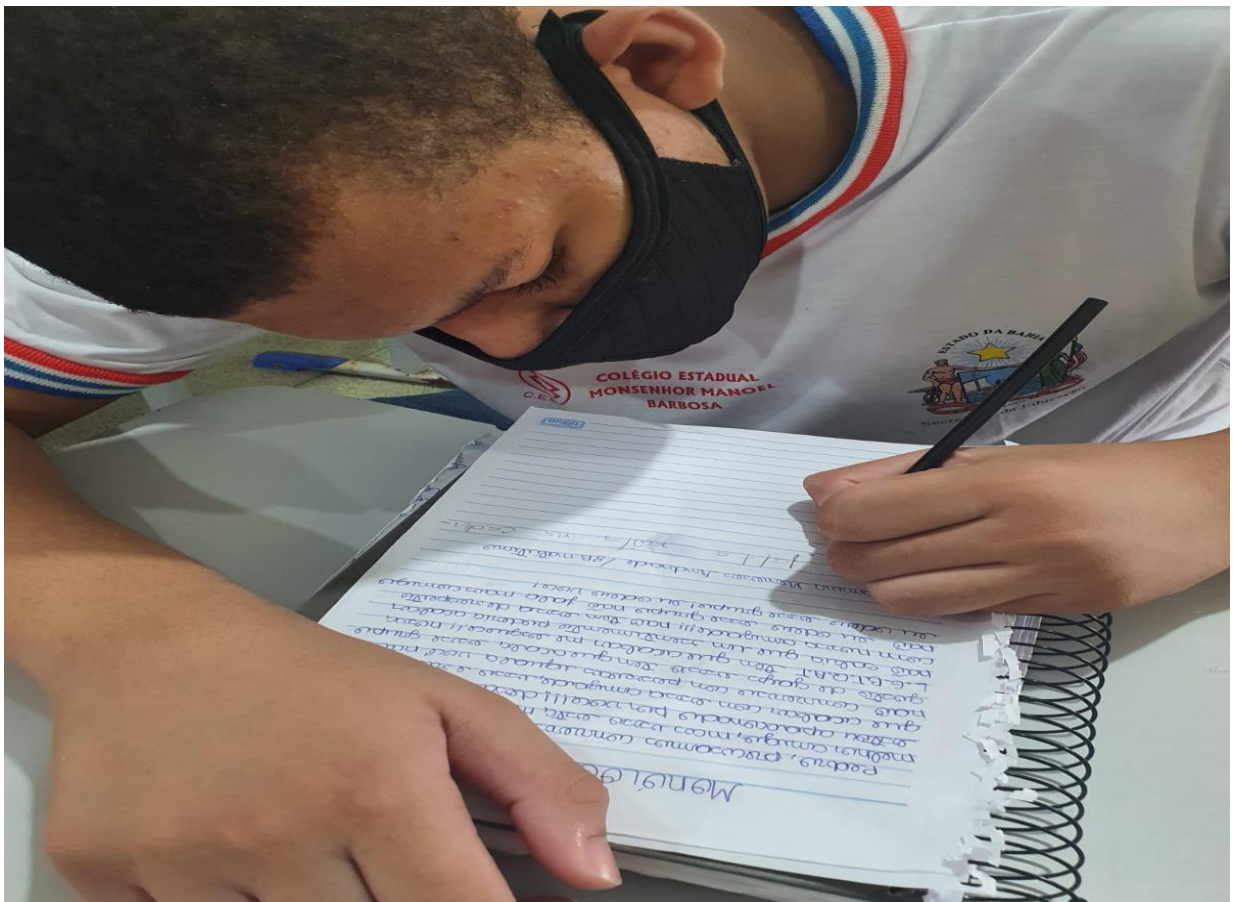
ANEXO E – EXERCÍCIO DE CONSTRUÇÃO CÊNICA



ANEXO F – PAINEL



ANEXO G – MONÓLOGO



ANEXO H – PRODUÇÃO DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS



ANEXO I – CENÁRIO



ANEXO J – PERFORMANCE



ANEXO K – RAP – GENTE COMO A GENTE

Não tenha preconceito na escola meu irmão.
Vamos ajudar um ao outro dando as nossas mãos
Seja gente como a gente, de bom coração
Que no futuro você se dar bem
E ainda ganha um novo irmão
Não julgue, seja esperto de amônia
Você vai brilhar, dando a sua alegria
Junto com a gente você pode brilhar
Se liga nesse rap e vamos celebrar!
LGBT, LGBT, eu faço esse rap pra poder fortalecer
Porque o a – mor tem que prevalecer
Aqui é LGBT, LGBT, eu faço esse rap pra poder fortalecer!

(OLIVEIRA, Davi, 8º ano, 2021)